timor leste

COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE

PUBLICAÇÃO MENSAL ANO X PREÇO AVULSO: 100$00 Nº 97 FEVEREIRO 1994

O RENASCER DE UMA NAÇÃO

Com imagens recolhidas clandestinamente em Timor, "A Morte de uma Nação" veio agitar algumas consciências.

Foi significativo o impacto causado pelo mais recente filme sobre Timor-Leste, "A Morte de uma Nação", de John Pilger. Comprado por mais de 20 cadeias de televisão de todo o mundo e exibido em simultâneo em Portugal e na Inglaterra, provocou fortes reacções do "establishment" político, da opinião pública e da imprensa.

A título de exemplo, transcrevemos aqui excertos de artigos saídos em três importantes jornais britânicos (respectivamente o *The Radio Times*, a revista com maior circulação em Inglaterra, o *The Guardian* e o *The Independent on Sunday*). Os dois primeiros artigos são da autoria de John Pilger e o terceiro de Max Stahl.

CLANDESTINOS EM TIMOR

"Sem surpresa, o Governo indonésio não dá as boas-vindas a câmaras de televisão no Timor-Leste ocupado. Em 1975 as suas tropas assassinaram seis jornalistas estrangeiros, incluindo duas equipas de televisão com dois britânicos. Segundo a Amnistia Internacional o regime mantém uma lista negra de 33 mil pessoas impedidas de entrar e sair do país.

Tendo isto presente, David Munro e eu [John Pilger] planeámos as filmagens com cuidado. Pensámos num conjunto de subterfúgios ligeiramente excêntricos. Padres foi um que rejeitámos rapidamente, seguido por ornitologistas, embora chegássemos a comprar o último volume de 'Aves de Bornéu, Java e Bali'. Decidimo-nos por 'consultores turísticos'. Uma agência de viagens em Londres forneceu-nos os documentos comprovativos.

David e eu fomos à frente, seguidos depois por um assistente voluntário e pelo operador de câmara Max Stahl. Cada um de nós tinha uma pequena câmara de video Hi 8, capaz de filmar através de uma cortina disfarçada, numa mochila. Imaginámos que dois de nós seriam apanhados, provavelmente David e eu, mas nenhum o foi. O filme foi enviado para o exterior através da rede clandestina e transportada por David e eu, preso às pernas e às nádegas.

Evidentemente o maior risco foi corrido pelos timorenses entrevistados em Timor-Leste. Nenhum é identificado no filme e conseguimos que os mais vulneráveis saissem de Timor. Que as nossas filmagens tenham finalmente sido concretizadas é uma homenagem a um povo notável que, após 18 anos de horror, permanece invencível nos seus corações."

FLORESTAS DE CRUZES

"Árvores da borracha fantasmas crescem entre a erva alta. Então, sem aviso, uma floresta de formas petrificadas e mortas, de agulhas negras através das quais fiapos de fina areia branca deslizaram como névoa. (...) Nas orlas destes lugares, que se assemelham como que a vestígios de cicatrizes por cima de todo o corpo de Timor-Leste, estão as cruzes.

São grandes cruzes negras erguidas contra o céu, cruzes nos cabeços, cruzes enfileiradas nas colinas, cruzes ao longo das estradas. Em Timor-Leste elas juncam os campos e enchem-nos os olhos. Caminha-se para o matagal e aí estão elas, sempre, nas falésias, nas margens dos rios, nas escarpas.

As inscrições em algumas são normais: as de gerações partidas na altura e sequência apropriadas. Mas olhe-se para as datas das ditas normais e ver-se-há que são anteriores a 1975, quando o tempo e a sequência apropriada cessaram. Olhe-se agora para as datas da maioria delas e revelarão a extinção de famílias inteiras, apagadas no espaço de um ano, um mês, um dia. 'RIP. Crismina Mendonça, 7/6/77... Felismina Mendonça, 7/6/77... Idalino Mendonça, 7/6/77... Alisa Mendonça, 7/6/77... Rosa Mendonça, 7/6/77... Anita Mendonça, 7/6/77...'.

neste número:

O RENASCER DE UMA NAÇÃO

ADEUS PAZ SOCIAL

A MORTE DE UMA SONHADORA

Tinha comigo um mapa manuscrito indicando a localização duma vala comum para onde alguns dos 250 mortos do massacre de Dili, em 1991, tinham sido atirados. Não fazia ideia de que a maior parte do país fosse uma sepultura colectiva, marcada por trilhos abruptamente inacabados, campos inexplicavelmente alisados a buldozer, terrenos inexplicavelmente cobertos de macadame e pelas legiões de cruzes que marcham ao longo de todo o trajecto desde o Tata Mai Lau, o pico mais elevado (3.000 metros de altitude), até ao lago Taci Tolu (...)."

INIMIGO NÚMERO UM ILUDE JACARTA

"Foi a uma distância de oito horas de marcha (mas apenas a escassos minutos de voo) das áreas de operações mais frequentadas pelas tropas indonésias que me encontrei com o novo comandante-chefe da guerrilha timorense. Este veterano da guerra (...) chegou imaculado, num camuflado americano capturado e de botas engraxadas, ainda irradiando energia depois de um dia de caminhada através das acidentadas montanhas.

Aqui em cima, os guerrilheiros deslocam-se às claras, sem medo. Rezam numa capela entalada entre três grandes rochas inclinadas. Estafetas chegam e partem várias vezes ao dia, usando as névoas fugidias para se esquivarem às tropas indonésias. (...) Como um atleta, Konis Santana estava fisicamente em forma, preciso, intenso e um tanto nervoso.(...).

As Falintil, contando com cerca de 800 homens e apenas 450 armas, segundo os dados detalhados do comandante, reivindicam o controlo de muitas das montanhas que formam a espinha central desta meia ilha, pouco maior que o País de Gales. 'Os indonésios só conseguem penetrar lançando uma operação militar', diz Konis. Contra essa eventualidade ele lançou patrulhas de reconhecimento a horas de distância do acampamento, para proteger o nosso encontro. Enquanto falávamos, uma patrulha chegou para relatar um combate recente. Dois soldados indonésios tinham sido mortos e um 'espião' fora detectado tentando localizar-nos.(...).

Aqui nas montanhas encontrei-me com alguns dos 70 novos guerrilheiros que se juntaram à luta armada em 1991 e dos mais de 30 que chegaram em 1992 e que agora operam numa área abandonada pelos rebeldes anos antes. Muitos eram jovens sobreviventes do massacre [de Santa Cruz] que filmei em Novembro de 1991. Sentámo-nos em grupo e cozinhámos carne de cavalo numa fogueira, tentando trocar informações em língua indonésia. Eles mal falavam uma palavra de português, o idioma que os seus comandantes ainda utilizam nas circulares da resistência. (...).

Nestas montanhas, que os timorenses chamam 'os avós das alturas', Konis Santana está a reconstruir a resistência. (...) 'A presença dos guerrilheiros aqui tem um profundo significado político', diz Konis. 'Quando o nosso povo olha para as montanhas, ele sabe que é lá que os seus filhos estão, onde os seus braços se erguem em revolta'. Os guerrilheiros operam em grupos de não mais de três ou quatro, frequentemente debaixo do nariz das patrulhas indonésias, nas montanhas e no litoral, usando as armas para auto-defesa. Estão em contacto com a população civil e servem simbolicamente de Governo-sombra, aconselhando em questões como desavenças nas comunidades e desobediência civil. (...).

É notável como os guerrilheiros, isolados como estão de todo o tipo de abastecimentos, conseguem adquirir armas. Claramente, algumas foram capturadas, mas há indícios de que oficiais corruptos vendem equipamento na altura da sua transferência para ganharem dinheiro. Os preços variam entre 750 dólares (130 contos) por uma espingarda-metralhadora e 250 dólares (40 contos) por uma caixa de munições. 'Digamos apenas que estamos numa boa situação política para receber este armamento', diz Konis Santana. (...).".

A PRAÇA DAS MÃES DE NOVEMBRO

Robert McCrum, jornalista do *The Guardian*, esteve em Timor-Leste em Dezembro.

Escreveu ele:

"A Igreja Católica, e a sua fé, é o símbolo da esperança para a qual se volta a população nas suas angústias. Todos os sábados à tarde em Dili há outra, igualmente comovente, manifestação de piedade e de protesto. Na praça onde se encontra a residência do Bispo, umas trinta a quarenta mulheres juntam-se em volta da estátua da Virgem Maria para rezar - um acto de desafio em nome daqueles que foram mortos, presos sem julgamento ou simplesmente 'desapareceram'.

Foram estas mulheres que, em Setembro de 1993, escreveram a Hillary Rodham Clinton pedindo-lhe o seu apoio. 'Vivemos' *escreveram,* 'no silêncio da nossa imensa dor, sem sabermos onde estão os nossos amados, martirizados filhos ... . Somos um pequeno povo, fraco em todos os aspectos da vida, mas queremos manter viva a chama da resistência, a qual nos identifica como um povo livre e digno.'" (Robert McCrum, "Mass Resistance", The Weekend Guardian, 19/2/94).

DEPOIS DA GUERRA

John Pilger, no *The Weekend Guardian* de 12 de Fevereiro.

"Domingos tem 40 anos e está no mato desde 1983. 'A minha mulher foi queimada com cigarros' conta ele. 'Foi também violada muitas vezes. Em Setembro deste ano [1993], *os indonésios mandaram a população da aldeia ao nosso encontro. A minha mulher veio ter comigo e disse-me 'Não quero ver a tua cara porque já sofri bastante ...'. Ao princípio pensei que ela estava a rejeitar-me, mas era o oposto, ela estava a pedir-me para continuar a lutar, para não me deixar capturar e nunca me render. Ela disse-me 'Tu podes morrer e eu sofrerei por tua causa, mas não quero ver-te nas mãos deles. Nunca aceitarei que desistas!'. Olhei para ela e ela estava triste. Perguntei-lhe se poderíamos voltar a viver juntos depois da guerra e ela suavemente disse 'Podemos, sim'. Então afastou-se".*

ADEUS PAZ SOCIAL

A industrialização acelerada por que passa a Indonésia fez surgir novos intervenientes na luta social. Massas de desenraizados urbanos começam a vencer o medo, a exigir, a organizar-se.

Os primeiros sinais desta nova atitude social puderam ser lidos no crescimento brusco do número de greves e de grevistas que atingiram a Indonésia, mais particularmente a ilha de Java, a mais industrializada delas todas, nos últimos três/quatro anos.

Os objectivos deste movimento de contestação têm assentado, no essencial, na reivindicação de aumentos salariais e de melhoria das condições de trabalho.

Do ponto de vista organizativo o movimento está, também, a dar os primeiros passos. À face da lei só é autorizada uma central sindical - o SPSI - que é dominada pela burocracia estatal, sem qualquer autonomia - a não ser formal - das autoridades civis e militares. Toda a luta é, assim, organizada e conduzida fora do aparelho sindical oficial, assim como o é dos aparelhos políticos partidários, já que aos partidos está vedada qualquer intervenção neste campo.

Quando as greves começaram a multiplicar-se surgiram, por parte de activistas vindos da defesa dos direitos humanos e do movimento estudantil, as primeiras tentativas para criar uma formação sindical autónoma.

Mas foi só em Junho de 1992 que apareceu uma plataforma organizativa - o SBSI (Sindicato Indonésio para a Prosperidade do Trabalho) - com capacidade para ganhar raízes no repressivo ambiente laboral que se vive na Indonésia.

E para isso contribuíu também um contexto internacional mais favorável.

APROVEITAR CIRCUNSTÂNCIAS EXTERNAS

O SBSI - que começou a ser conhecido internacionalmente quando as autoridades impediram a realização do seu primeiro congresso - procurou tirar partido desta situação.

Na altura, a administração Clinton passava em revista a situação laboral nos países abrangidos pelo GSP («Generalized System of Preferences») ameaçando com a expulsão do mesmo aqueles que não respeitassem padrões de liberdade sindical e de condições de trabalho.

O impedimento do congresso do SBSI acabou por funcionar como demonstrativo daquilo que organizações como o *Asia Watch* à muito vinham denunciando. A administração norte-americana deu um prazo até 15 de Fevereiro de 1994 para as autoridades indonésias rectificarem esta situação e tomarem medidas comprovativas de um real empenhamento na melhoria da situação no mundo do trabalho.

Nos princípios de Janeiro deste ano o governo indonésio determinou o aumento (em 26%) do salário mínimo nacional e suspendeu o decreto-lei que autorizava a intervenção militar em conflitos laborais.

Enquanto estas medidas provocaram um generalizado coro de protestos entre os empresários, invocando encargos incomportáveis de suportar no curto prazo, os trabalhadores movimentaram-se no sentido de impor de imediato tais aumentos, tornando o papel de árbitro do governo mais difícil.

Tentando controlar a situação, o Ministério do Trabalho publicou em 17 de Janeiro uma portaria restringindo ao SPSI o direito a organizar os assalariados, desde o nível do local de trabalho até ao nível nacional.

Nas vésperas de terminar o prazo dado pelos EUA, o SBSI convocou uma greve geral de uma hora como forma de protesto pela publicação daquela portaria.

Era primeira greve geral desde que os militares tomaram o poder em Outubro de 1965.

GREVE GERAL: DERROTAS E VITÓRIAS

A resposta do governo foi a habitual: a repressão. No dia 9 de Fevereiro (a greve estava marcada para 11) a polícia prendeu três dirigentes daquela associação sindical, entre os quais o presidente do conselho executivo, além de sujeitar a interrogatórios vários activistas espalhados pelo país.

Aliás, o SBSI já vinha denunciando a vaga intimidatória que vinha sendo exercida sobre os seus activistas, nomeadamente o despedimento de 2.000 deles em Java e Sumatra, tendo apresentado uma queixa formal junto da OIT em Genebra acusando a Indonésia de não respeitar as Convenções daquela organização relativas à liberdade de associação.

A prisão daqueles dirigentes desencadeou acções de solidariedade de centrais sindicais de vários países entre os quais o *TUC* («British Trades' Union Congress») e o *International Confederation of Free Trade Unions*, sediado em Bruxelas.

Se bem que a greve geral tenha tido uma adesão quase nula, a verdade é que a dinâmica por ela criada, interna e externamente, levaram as autoridades a libertar os dirigentes sindicais que tinham prendido e arrefeceu os entusiasmos daqueles que nos EUA se preparavam para aceitar sem questionamento a continuação da Indonésia na lista do GSP. A administração Clinton decidíu-se por adiar a questão, dando mais seis meses ao governo de Jacarta para melhorar a situação, antes de uma decisão final.

Mas o SBSI já marcou para o próximo dia 4 de Abril uma grande concentração para levar as autoridades a reconhecerem o direito à liberdade de organização sindical.

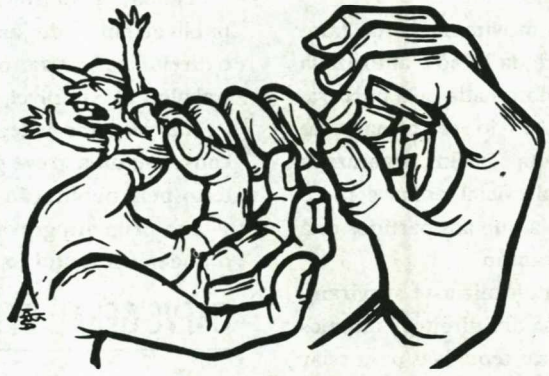
A MORTE DE UMA SONHADORA

Goenawan Mohamad, ex-chefe de redacção do semanário *Tempo*, um dos mais importantes na Indonésia, escreveu este artigo para o *International Herald Tribune*, em Janeiro de 1994.

"A história de Marsinah, uma jovem que foi brutalmente assassinada por ter tido a coragem de lutar pela melhoria dos direitos dos trabalhadores, revela o lado sombrio do crescimento económico indonésio. (...).

Marsinah tinha apenas 23 anos quando morreu e embora tivesse vivido sempre na pobreza, estava decidida a melhorar a sua própria vida e a daqueles que a rodeavam.

Na sua infância, fora adoptada por uma família de camponeses pobres e estava habituada às dificuldades de um trabalho árduo. (...).



Mas ela tinha sonhos. Acreditava que a todos os indonésios seria dada a oportunidade de ter uma vida decente. Frequentou cursos de computadores e de língua inglesa e, na sua sede de aprender mais, costumava ler jornais e ver televisão em casa de um vizinho. Certa vez, terá dito a um conhecido seu: 'o conhecimento pode mudar o destino de uma pessoa.'

Marsinah estava decidida a mudar o seu destino e a fugir da pobreza. Depois de trabalhar por um ano numa fábrica de sapatos, arranjou emprego numa empresa que fabricava relógios. Ganhava 1700 rupias [cerca de 130$00] por dia, além de uma senha de refeição no valor de 550 rupias, recebível apenas na condição de o trabalhador comparecer no local de trabalho. Como este salário fosse manifestamente insuficiente para viver, Marsinah e alguns colegas seus exigiram que o valor da senha de refeição fosse incluído no ordenado. Esta reivindicação implicou uma grande coragem da parte dos trabalhadores - eles tinham perturbado a ordem. Tinham ameaçado a 'paz', a 'harmonia' e a 'unidade' que constituem as palavras de ordem da indústrialização e do desenvolvimento indonésio.

A Indonésia é um país onde é fácil aos detentores do capital acumular riqueza por todos os meios possíveis e imaginários, um país onde aos gestores e aos executivos é dada a possibilidade de multiplicar os seus rendimentos, mas onde os trabalhadores não têm sequer voz para reclamar seja o que for. O progresso económico, os investimentos no sector fabril e os crescentes lucros das exportações têm-se feito à custa de salários miseráveis.

Por isso, os patrões e os quadros dirigentes da empresa onde Marsinah trabalhava, bem como todo o aparelho de segurança que actua em defesa dos interesses das autoridades, tomaram imediatamente medidas no sentido de silenciar a revolta dos trabalhadores. Alguns foram despedidos. Marsinah, a mais incómoda de todos, foi assassinada.

Não se sabe exactamente quem foi o responsável pela sua morte mas a razão por que ela foi assassinada, essa parece evidente. Os horríveis ferimentos que lhe cobriam a região abdominal revelam que foi violada e apunhalada; os seus ossos pélvicos encontravam-se fracturados. Ela foi vítima de duas coisas - ser mulher e ser activista.

Como parte da superabundante população laboral do quarto país mais populoso do mundo, as mulheres na Indonésia encontram-se, à partida, numa posição de extrema vulnerabilidade. Por outro lado, a própria ambiência cultural do mundo de hoje também não as favorece.

O nosso mundo, onde apenas existem dois grupos, os vencedores e os vencidos, vive obcecado com verbos como *ganyang* [esmagar], *bunuh* [matar] e *gebuk* [derrotar]. Estas metáforas, próprias da guerra e da virilidade masculina, são também as metáforas do despotismo.

Quem quer que tenha assassinado Marsinah julgou certamente que a morte de uma simples mulher de aldeia, uma operária, não chamaria muito a atenção. Julgou com certeza que o corpo atirado para a beira da estrada se limitaria a cumprir a sua função - instigar o medo entre aqueles que tinham desafiado a ordem local. Só que, felizmente, o caso de Marsinah atraiu largamente as atenções. Na sua arrogância, os assassinos não tiveram a intuição para perceber que, no momento em que Marsinah e os seus colegas entraram em greve por melhores salários, a Indonésia já não se podia dar ao luxo de ignorar os trabalhadores. Na verdade, ao ter a coragem de integrar a maré de força libertadora que neste momento agita a sociedade indonésia na luta por mais e melhores direitos, Marsinah contribuiu decisivamente para que as mulheres deixassem de ser um elemento marginal nessa sociedade."

DIRECTOR: António Pinto Pereira PROPRIETÁRIO: Comissão para os Direitos do Povo Maubere SEDE: R. Pinheiro Chagas, 77-3º E, 1000 Lisboa, Tel.: 352 8718, Fax: 353 4009
E-mail: cdpm@gn.apc.org IMPRESSÃO: Grafis, Coop. de Artes Gráficas TIRAGEM: 1.000 ex. ASSINATURA ANUAL: 1.500$00 REGISTO DGCS nº 112094 DEP. LEGAL: nº 25317